

# Quando o carteiro chegou... um estudo sobre a importância da correspondência dos intelectuais

JULIANA GOMES

Universidade Federal da Bahia

Quando o carteiro chegou...

Amizade, a motivação.  
Uma escrita, a emoção.

Papel em branco, tinteiro e pena.  
Cola, selo, lacre.  
O carteiro,  
A viagem.

Ansiedade angustia,  
A chegada.

Nova emoção,  
Envelope rasgado,  
Sorriso  
A carta na mão.

E se no meio do caminho deste carteiro houvesse um outro destino, um novo destinatário que a pena do remetente não escreveu?

Neste lugar impensado pelo autor da carta estamos todos nós, que hoje nos debruçamos sobre a correspondência do poeta Carlos Drummond de Andrade endereçada à professora galega Pilar Vasquez Cuesta.

Assumamos nosso papel de voyers da vida destas figuras importantíssimas para as suas respectivas culturas. Carlos Drummond de Andrade, poeta modernista brasileiro e a professora Maria del Pilar Vasquez Cuesta, catedrática pelas Universidades de Salamanca, de Santiago de Compostela, honoris causa pela Universidade de Lisboa e como diria próprio Drummond na carta,

[...] uma espécie de representante cultural [das coisas e letras do Brasil] de: sem remuneração, pelo único prazer de cultivar laços espirituais.

Como voyers não podemos esquecer que estamos invadindo o espaço privado da correspondência. Entretanto, ao assumirmos este ato transgressor, buscamos neste local particular reconstituir o que para nós é público: Carlos Drummond de Andrade, poeta modernista.

Essa nossa mirada pretende observar o Drummond que se constrói em texto epistolar, acreditando que a carta como nos diria Michel de Foucauld é a escrita de si, escrever é, pois «mostrar-se», dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto do outro.

É na carta que o remetente se expõe da maneira que gostaria de ser visto pelo destinatário. Há, portanto, uma seleção, uma preocupação do remetente com a sua projeção no espelho. Podemos pensar a carta como instrumento de orientação intelectual, neste caso, é maior a preocupação do remetente com a imagem refletida para o destinatário, por isso as cartas dos intelectuais, as que estudamos, nunca estão isentas destas preocupações, e sua leitura por nós, terceiros, não pode em momento algum ser passional.

É através desta escrita, supostamente, informal, despojada do rigor literário que podemos desvendar os sujeitos inscritos nas cartas, além dos seus projetos intelectuais e coletivos, como é o caso das cartas trocadas por Drummond e Mário de Andrade (Carlos & Mário) publicadas pela editora Bem-Te-Vi.

Para Michel Foucauld, a correspondência nos é muito mais importante do que os bloquinhos de anotação, porque na carta há um posicionamento do autor que a nós leitores, interessa muitíssimo, segundo porque no espaço privado, o lado do escritor que a nós pobres mortais é negado, revela-se e nos ajuda a reconstituir a sua imagem. A carta nos possibilita discussões e questionamentos por nós, apenas hipotetizados, e que ganham corpo nas suas correspondências. Em última instância, portanto, ela serve para confirmar a imagem ou o projeto intelectual dos envolvidos.

A carta na qual iremos nos debruçar data do ano de 1975. Nela estranhamos a afetuosidade do mineiro que conhecemos como gauche. É, praticamente, um outro Carlos que diz,

Querida amiga Pilar,

Se há amizades perenes, que o tempo e a distância não esmaecem, a sua é uma delas. E ser objeto de sentimento desta qualidade apurada enche-me de orgulho- um orgulho bom, que não exclui a consciência humilde de quem recebe um dom superior ao merecimento.

Sua boa carta aqui está, com palavras que me tocam a sensibilidade [...].

Seu presente lindo está adornando nossa sala, com seu esmero de acabamento artístico, e nós o mostramos às visitas como regalo de uma amiga espanhola. [...]

Não somos amigos do poeta, mas nos consideramos tão íntimos de sua poesia, que acreditamos de verdade, conhecê-lo perfeitamente. E se a *gaucherie* de Drummond para nós é uma certeza, sua afetuosidade, carisma e mesmo atenção, nos salta à vista e estranhamos este sujeito tão amoroso, de uma afetuosidade que beira a *pieguice*, mas quem se importa com a *pieguice* quando se está entre amigos?

A modéstia drummondiana é também extremamente relevante. Como bom mineiro que é Drummond responde com muita modéstia à sugestão da Professora Pilar de solicitar um volume da mesma coleção, na qual ela o presenteou com um estudo sobre Curros Enríquez, autor galego que Drummond declara conhecer superficialmente. E se de jovem lhe faltava à modéstia, de senhor ela é a sua verdadeira armadura,

[...] apreciei muito o livro sobre Curros Enríquez, personalidade intelectual tão vigorosa, que eu, confesso, conhecia superficialmente. Mas sua idéia de fazer-se um volume, na mesma coleção, sobre este seu criado, me parece inviável. O livro sobre Curros Enríquez justifica-se pela própria dimensão do poeta no contexto cultural da Espanha, e, notadamente, da Galícia. Os demais volumes da série deveriam manter este nível seletivo. Eu nada represento dentro dessa perspectiva nacional, e a obra que me fosse dedicada seria um corpo estranho, recusado pelos leitores. Mas de qualquer modo guardarei, comovido, a lembrança carinhosa que você teve.

Ao contrário do que poderíamos pensar, as cartas trocadas pelos intelectuais tratam de assuntos diversos, a literatura está presente como tópico ou na própria construção da correspondência, como já tinha observado Heloísa Buarque de Holanda em texto sobre Carlos & Mário, a correspondência trocada entre os poetas e que historiciza não só a amizade dos dois, como os caminhos do modernismo brasileiro. Assim diz Heloísa,

É importante notar que tanto Carlos quanto Mário, em momentos diferentes da correspondência, apontam uma certa intermediação da invenção literária na condução

da escrita das cartas e mesmo na exposição de sentimentos pessoais. É neste limite impreciso que o leitor tira o encanto maior da leitura de Carlos & Mário.

O espaço da carta é, justamente, este não lugar que identifica, mas que não exclui, é a conversa de compadres, que de política pode passar a desabafo, que pode passar a um comentário sobre amigos comuns, sobre o país, sobre literatura, enfim. É o lugar de falar de si mesmo, do Outro, falar do tempo. Este é o campo da memória, senhora vestida de branco, deusa, rainha do destino, deste sujeito que se constitui no hoje, através destas lembranças fragmentadas, mas cheirosas a infância, tempo de ser feliz, esperança na constituição de uma história mais bonita que a de Robinson Crusoe. É neste entrecruzamento de falas, de temas que destacamos um trecho da carta de Drummond à Professora Pilar na qual o poeta entrega uma das chaves de sua obra.

Pelo mesmo correio, seguem os dois livros de poesias que acabo de publicar. Um deles, «Menino Antigo», é continuação de outro, memórias infantis, que lhe mandei em 1970: «Boitempo». Chegou a idade de recordar, mas não consigo fazer isto em prosa, pois, lamentavelmente, lembro das coisas sem me lembrar do contorno dos fatos e até, muitas vezes, da identidade das pessoas. De sorte que a forma poética foi a seção achada para narrar episódios ocorridos há mais de 50/60 anos sem a exatidão que se exige do memorialista em prosa. Tento reprodu[x]zir mais as sensações e as reações íntimas do que o fato em si, aliás despido do interesse histórico.

O exercício da memória como possibilidade de reviver, reinstaurar mundos. A idade é de recordar, tirar do coração e trazer à vida, dar vida à preta velha, sentir o cheiro do café preto, café bom. A poesia como álbum de sentimentos, de sensações dos cheiros e sabores de uma infância marcada pelo tradicionalismo da família mineira, do menino sozinho entre mangueiras, desde cedo dedicado aos livros e ao ser gauche na vida. Nesta citação, um retrato quase que patológico da perda da memória na velhice, cruel, e o depoimento do poeta de como solucionou esta questão.

Sáimos, enfim, desta carta com a sensação de que amadurecemos mais este dado público: Carlos Drummond de Andrade, poeta modernista, acrescentemos: amigo afetuoso, sensível, senhor modesto por excelência, obcecado pelo cheiro de fazenda da sua infância, talvez numa tentativa de prolongar a existência, já que o fim é uma certeza da qual não se pode escapar.

Vejamos, então, a carta que motivou esta reflexão.

Rio, 5 de junho 1974

Querida amiga Pilar:

Se há amizades perenes, que o tempo e a distância não esmaecem, a sua é uma delas. E ser objeto de sentimento desta qualidade apurada enche-me de orgulho- um orgulho bom, que não exclui a consciência humilde de quem recebe um dom superior ao merecimento.

Sua boa carta aqui está, com palavras que me tocam a sensibilidade, por ver como você continua interessada pelas coisas e letras do Brasil - uma espécie de representante cultural sem remuneração, pelo único prazer de cultivar laços espirituais.

Seu presente lindo está adornando nossa sala, com seu esmero de acabamento artístico, e nós o mostramos às visitas como regalo de uma amiga espanhola. Também apreciei muito o livro sobre Curros Enríquez, personalidade intelectual tão vigorosa, que eu, confesso, conhecia superficialmente. Mas sua idéia de fazer-se um volume, na mesma coleção, sobre este seu criado, me parece inviável. O livro sobre Curros Enríquez justifica-se pela própria dimensão do poeta no contexto cultural da Espanha, e, notadamente, da Galícia. Os demais volumes da série deveriam manter este nível seletivo. Eu nada represento dentro dessa perspectiva nacional, e a obra que me fosse dedicada seria um corpo estranho, recusado pelos leitores. Mas de qualquer modo guardarei, comovido, a lembrança carinhosa que você teve.

Pelo mesmo correio, seguem os dois livros de poesias que acabo de publicar. Um deles, «Menino Antigo», é continuação de outro, memórias infantis, que lhe mandei em 1970: «Boitempo». Chegou a idade de recordar, mas não consigo fazer isto em prosa, pois, lamentavelmente, lembro das coisas sem me lembrar do contorno dos fatos e até, muitas vezes, da identidade das pessoas. De sorte que a forma poética foi a seção achada para narrar episódios ocorridos há mais de 50/60 anos sem a exatidão que se exige do memorialista em prosa. Tento reproduzir<sup>1</sup> mais as sensações e as reações íntimas do que o fato em si, aliás despedido do interesse histórico.

Gostaria de receber notícias suas mais frequentemente. E desejo-lhe, além de saúde e paz, uma constante atividade criativa.

Abraço de saudosa e grata amizade do seu

<sup>1</sup> Idem nota 3.

<sup>2</sup> Frase manuscrita, localizada ao lado da assinatura do poeta.

*Um beijo para Paloma<sup>2</sup> Carlos Drummond de Andrade  
Que poeta admirável, o Celso Emilio Ferreira! Gostei imenso de «Longa  
Noite de Pedra», que o poeta me enviou há tempos<sup>3</sup>.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carlos & Mário (2003): *Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (iné dita) e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi.

Hollanda, Heloísa Buarque de: *Modernismo em Tempo Real*. Cult 68 Ano VI: abril de 2003.

Santiago, Silviano (2006): «Suas cartas, nossas cartas». In *Ora (dizeis) puxar conversa!* Belo Horizonte, UFMG.

Foucault, Michel de (2002): *O que é um autor*. Lisboa: Passagens/Vega.

<sup>3</sup> Oração manuscrita, localizada na vertical da carta.